

A Academia Brasileira de Letras, em sua sessão de quinta-feira passada discutiu o problema do ensino no Brasil. Direi melhor, pondo no plural... “os problemas” da escola, em todos os seus graus, do primário à universidade. Todos os acadêmicos presentes falaram de suas experiências pessoais na matéria, pois sem exceção, todos, em algum período de sua vida, foram professores, sendo que vários tiveram encargos de muita projeção no ensino superior, como reitores de universidade ou diretores de faculdades de Letras. Coincidiram na afirmativa muito penosa de que atravessa o País uma fase, sem igual no passado, de abastardamento, indisciplina de professores e alunos, marcada essa pelas greves, gazetas de mestres e discípulos, tanto nas escolas oficiais como nas particulares, prolongando-se um desentendimento que a autoridade dos secretários de Educação nos estados e o próprio ministério federal, sempre desacatada, cada qual nas duas partes esperançosa



de vencer pelo cansaço. Alguns atacaram o mercantilismo dos donos de colégios, outros referindo-se ao ensino superior, apontaram a vitaliciedade dos catedráticos como um dos males que nos países mais adiantados já foram superados, com a vigência do simples contrato dos professores. Obrigados a apresentarem trabalhos que os qualifiquem para a renovação do seu engajamento na escola.

O depoimento mais valioso sobre o problema de educação e ensino foi dado pelo acadêmico Arnaldo Niskier cuja vida, mais do que a de qualquer outro do seu tempo, tem sido dedicada, com extraordinária capacidade especulativa e sociológica ao desenvolvimento e, além de histórica, da escola, da tecnologia e metodologia, sendo que o seu grande livro sobre os 500 anos de atividade escolar no Brasil, desde o descobrimento aos dias de hoje, faz revelações que consagram as virtudes do pesquisador e visão do futuro. Membros dos conselhos estadual e federal de Educação, secretário de governo, inovador com a aplicação moderna da informática, na matéria nada lhe escapa e une o seu nome aos de Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Carneiro Leão e do saudoso colega de academia Fernando de Azevedo, de notável relevo e permanente influên-

cia no campo de sua predileção literária.

Cabe aqui lembrar Antônio Houaiss, ausente por se encontrar em Lisboa com a máxima representação do sistema ortográfico aprovado pelos países lusofonos, Portugal, Brasil, Guiné Bissau, Angola, S. Tomé, Príncipe e Moçambique. Em conferência pronunciada em Belo Horizonte, sob título “Cultura e cidadania”, escapelou com competência e nitidez, as nossas falsidades, chegando a dizer que a universidade brasileira não passa hoje de um “supletivo”. “Supletivo”, acrescenta, “porque o secundário é muito ruim”. Condenando a concessão do direito de voto ao analfabeto, Houaiss disse: “É um falso passo à frente. Os fundadores da República negaram o voto ao analfabeto para que a sociedade se compenetrasse da gravidade do problema. Barbosa Lima, Evaristo, Ciro dos Anjos e por fim Josué Montello, antigo reitor da universidade federal do Maranhão, Lacombe e Ledo Ivo. Em pronunciamentos francos e saídos do saber de experiência feita compuseram um quadro completo de cores sombrias, mas sem perder a esperança de que se forme uma nova consciência e o Brasil irrompa como uma força construtiva da cultura universal. No dealbar do século vindouro.